

ESTUDO DA INICIAÇÃO SEXUAL E DA GRAVIDEZ DE ADOLESCENTES DA CIDADE DE MARINGÁ – PR.

Elisângela Düsman¹, Karen Silvério Góis¹, Eduardo Michel Vieira Gomes²; Livia Maria de Castro Penna¹, Talita Camargo¹, Maria de Lourdes Periyoto Guhur³.

RESUMO

A sexualidade vem sendo, desde há muito tempo, um tema de grandes discussões, em especial quando se refere à iniciação sexual e a gravidez na adolescência. Assim, este trabalho teve como objetivo, identificar entre 69 adolescentes da cidade de Maringá-PR, o período de maior incidência da iniciação sexual e possíveis causas para gravidez nesta faixa etária. Para tanto foi aplicado um questionário a 49 jovens do sexo feminino e 20 do sexo masculino, com idade variando de 12 a 19 anos. O estudo mostrou que a iniciação sexual teve maior incidência em adolescentes com idade entre 12 a 14 anos (37.5 % das meninas e 44.4 % dos meninos), o que demonstra que a iniciação sexual dos adolescentes pesquisados ocorreu em uma idade inferior a relatadas em outros estudos. Em relação à gravidez na adolescência, os resultados obtidos mostram que as possíveis causas da mesma são: a imaturidade dos jovens pares, a irresponsabilidade, a sensação de onipotência, o descuido e a falta de informação. Desta forma, novas investigações deveriam ser realizadas a fim de possibilitar uma maior compreensão sobre esses e outros aspectos associados à sexualidade na adolescência.

Palavras-chave: *adolescentes; sexualidade; gravidez; iniciação sexual.*

STUDY OF SEXUAL INITIATION AND PREGNANCY OF ADOLESCENTS IN MARINGÁ PR

ABSTRACT

Abstract. Study of sexual initiation and pregnancy of adolescents in Maringá PR Brazil.. Sexuality has been a theme of discussion, especially when it refers to sexual initiation and adolescent pregnancy. Thus, this study aimed to identify, among 69 teenagers from Maringá-PR, Brazil, the period of sexual initiation and possible causes of pregnancy in this group. A questionnaire was distributed to 49 young females and 20 young males, with age ranging from 12 to 19 years. Results show that sexual initiation occurs between 12 - 14 years (37.5% of females and 44.4% of males). In this way, sexual initiation has occurred at a lower age than that reported in other studies. Considering pregnancy, results show that its possible causes may be immaturity of young couples, irresponsibility, feelings of empowerment, carelessness, and lack of information. Thus, further investigations should be conducted to enable a greater understanding about these and other topics related to sexuality in adolescence.

Key words: *adolescents; sexuality; pregnancy in adolescence; sexual initiation.*

INTRODUÇÃO

O mercado mundial de água envasada vem sendo caracterizado a adolescência como um fenômeno histórico que singulariza as sociedades industrializadas, um período que ocorre entre a infância e a idade adulta e que

prepara e dá início à maturidade em diferentes âmbitos do desenvolvimento, entre outros, o biológico, o cognitivo, o afetivo e o dos relacionamentos interpessoais. O adulto que o adolescente se tornará, será fruto da conquista de sua identidade pessoal, de sua vida junto dos amigos, de seus valores, da experiência e da experimentação de novos papéis de

¹ Acadêmicas do Departamento de Biologia, Universidade Estadual de Maringá.

² Docente da Faculdade de Apucarana.

³ Docente do Departamento de Teoria e Prática da Educação, Universidade Estadual de Maringá.

maneira consciente e, em especial, da vivência de sua sexualidade (1).

No que se refere à sexualidade, esta foi fortemente influenciada durante várias décadas, pelas idéias cristãs, culturais, políticas e econômicas, com ênfase no fato de que a iniciação sexual da mulher deveria se dar, primeiramente, no casamento e ter fins apenas de procriação, enquanto ao homem era permitida a prática sexual e a busca do prazer fora dos limites do matrimônio. Mais tarde, já no século XX, surge o amor romântico, o qual interferiu na visão sobre o casamento ao destacar a questão do compartilhar, da intimidade do casal, ajudando a separar o relacionamento afetivo de outros aspectos da organização familiar (2). Além disso, na década de 50 desencadeou-se, na Europa, o "movimento beat", representando uma contestação dos jovens ao modelo social vigente e trouxe como lema a "revolução sexual", pregando uma nova concepção de sexo desvinculado de compromisso, o uso de drogas e novos hábitos de vestir e falar. Na década de 60, segundo Sales (3), o "movimento hippie", surgiu como uma grande esperança de derrubada de mitos políticos, culturais, sociais e entre eles os sexuais, como o da virgindade e da superioridade masculina, vivenciados até aquela época.

A perda da virgindade ainda é, no mundo globalizado, um marco importante para os jovens e pode ser vivenciado com orgulho ou com culpa excessiva, de acordo com a educação e tradição familiar (2).

Devido à informação excessiva que os adolescentes recebem sobre sexualidade, como por exemplo, pela internet, pela pouca censura nos meios de comunicação de massa e pelo apelo sexual freqüente e precoce comumente observado atualmente, estes ficam expostos a situações ainda não bem compreendidas. Observa-se uma precocidade no comportamento adolescente, no sentido da busca pelos privilégios da maturidade. No entanto, é evidente que faltam aos adolescentes, a experiência, a responsabilidade e o significado real de um envolvimento sexual. É neste contexto que se elevam os riscos de uma iniciação sexual precoce, o que ocasiona exposição a riscos como o de uma gravidez indesejada ou de contrair doenças sexualmente

transmissíveis, como a AIDS (4).

Muitos dos meios de comunicação que incentivam a iniciação sexual precoce, não informam sobre medidas contraceptivas, favorecendo a gravidez na adolescência. Entre as várias causas da gravidez na adolescência pode-se destacar: a falta de informações corretas sobre este acontecimento; a insegurança do adolescente em utilizar métodos contraceptivos; a crescente tendência da liberação do comportamento social, especificamente, o sexual; fatores psicossociais relacionados ao ciclo da pobreza; o uso de álcool ou drogas; a falta de perspectivas na vida dessas jovens sem escola, saúde, cultura, lazer e emprego; a idéia de que a gravidez representa a única maneira de modificarem seu status na vida; a "onipotência", que levam os adolescentes a imaginarem que com eles "nunca vai acontecer" e que estão imunes a qualquer perigo; paixão; a má utilização dos métodos contraceptivos; não ter condições financeiras de adquirir métodos contraceptivos; a instabilidade própria da adolescência; pretexto casamento, em busca de um carinho que não recebe em casa; aumento da liberdade dos jovens e a necessidade de afirmação própria do adolescente, de contraposição à família e de quebra de tabus; a pressão do namorado e/ou grupo de amigos; entre outras (5,6).

Sendo a sexualidade e, em especial, a iniciação sexual dos adolescentes e a gravidez na adolescência, dois temas de grande importância, visto que é de interesse de pais, dos próprios adolescentes, educadores, profissionais da saúde e da sociedade como um todo, este trabalho objetivou identificar, entre um grupo de adolescentes da cidade de Maringá-PR, o período de maior incidência da iniciação sexual entre eles e possíveis causas para gravidez nesta faixa etária.

MATERIAIS E MÉTODOS

Foi aplicado aleatoriamente a 69 adolescentes da cidade de Maringá-PR (49 do sexo feminino e 20 do sexo masculino) um questionário. O questionário era composto por questões discursivas e de múltipla escolha, previamente estabelecidas, que buscavam

responder aos objetivos propostos no trabalho.

A amostra foi constituída de forma aleatória, ou seja, participaram um número não pré-definido de adolescentes de instituições públicas e particulares, desde os inseridos no ensino fundamental até a universidade. O acesso aos adolescentes efetivou-se a partir da escola, mediado em geral por um professor que lecionava na sala e também, a partir de um diálogo informal com os jovens. Nenhum adolescente foi identificado e estes respondiam o questionário de forma espontânea.

Após os dados serem coletados, as respostas foram transcritas no computador. Estas foram analisadas e agrupadas, considerando a freqüência de idéias ou temas recorrentes, e a análise estatística foi feita pelo teste do qui-quadrado ($p < 0,05$).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram do trabalho 69 adolescentes da cidade de Maringá-Paraná, dos quais 49 eram do sexo feminino e 20 do sexo masculino, com idades variando de 12-19 anos. A idade média em ambos os sexos foi de 13 anos, a média da idade masculina foi de 14.35 anos e a feminina de 15.10 anos.

Das 49 meninas que responderam ao questionário, 36.73% delas tiveram a primeira menstruação com 12 anos, conforme Tabela 1. Este fato confirma a hipótese de que a menarca tem ocorrido cada vez mais cedo, o que segundo Silva (7) pode ser pelos padrões alimentares atuais (com alto teor de conservantes, corantes, hormônios e outros). Essa antecipação da menarca se encontra relacionada à fertilidade e a relações sexuais mais precoces (7).

Tabela 1- Idade menarca adolescentes entrevistas.

| Menarca | |
|---------------|-------------|
| Idade (anos) | Meninas (%) |
| 8-10 | 10.20 |
| 11 | 16.33 |
| 12 | 36.73 |
| 13 | 18.37 |
| 14 | 8.17 |
| 15-16 | 4.08 |
| Não menstruou | 6.12 |

Com relação ao primeiro beijo, a faixa etária entre 9 a 11, foi a que a maioria dos adolescentes, independente de sexo, teve seu primeiro beijo: 44.9% das meninas e 45% dos meninos, conforme Tabela 2. Somente entre as faixas etárias menores de 9 anos e maiores de 11 anos a diferença entre os sexos foi estatisticamente significativa pelo teste do qui-quadrado.

Tabela 2- Idade primeiro beijo dos adolescentes entrevistados.

| Primeiro beijo | | |
|----------------|-------------|-------------|
| Idade (anos) | Meninos (%) | Meninas (%) |
| < 9 | 15* | 4.8 |
| 9-11 | 45 | 44.9 |
| > 11 | 30 | 43.5* |
| Nunca beijou | - | 2 |
| Não lembra | 10 | 4.8 |

* $p < 0,05$

O relacionamento afetivo dos entrevistados foi, na sua maioria, solteiro (52.17%) e namorando (28.99%), os outros estavam "ficando" (15.94%) ou em outra situação (2.95).

A idade em que os entrevistados começaram a namorar encontra-se distribuída na Figura 1.

A análise estatística não mostrou diferença significativa entre os sexos somente na faixa etária de 12 e 14 anos e na resposta de nunca ter namorado. Pode-se verificar no trabalho que 4.33% das meninas começaram a namorar entre os 17 a 19 anos, o que permite perceber que as meninas começam a namorar mais tarde que os meninos.

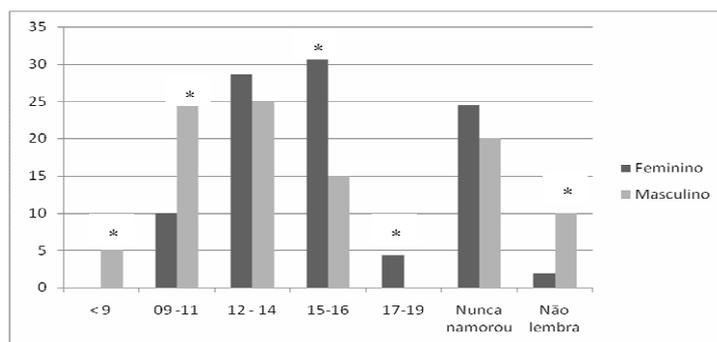


Gráfico 1 - Faixa etária de início de namoro de acordo com o sexo (%), $p < 0,05$.

Segundo Giddens (2) em média, a jovem adolescente amadurece dois anos antes do rapaz. Ela busca fortalecer sua feminilidade, prorrogar os encontros sexuais e selecionar

um parceiro adequado para poder ter sua primeira relação sexual, o que ocorre de forma gradativa. Os rapazes buscam encontros sexuais com mais ansiedade, geralmente, persuadindo as garotas.

Analisando os resultados da Tabela 3, sobre a dificuldade de conversar sobre sexo, pode-se perceber que existe uma maior dificuldade de conversar sobre o assunto com o genitor do sexo oposto, ou seja, menina com o pai e menino com a mãe. Vale ressaltar que a dificuldade de conversar com o pai foi grande em ambos os sexos, e estatisticamente diferente pelo teste do qui-quadrado. A dificuldade de conversar com os irmãos também foi diferente estatisticamente entre os sexos.

Tabela 3 – Pessoa com quem é mais difícil conversar sobre sexo.

| Dificuldade de conversar sobre sexo | | |
|-------------------------------------|-------------|-------------|
| Pessoa | Meninos (%) | Meninas (%) |
| Pais | 21.10 | 33.33* |
| Ambos os pais | 21.10 | 27.45 |
| Mães | 26.30 | 19.60 |
| Irmãos | 10.50* | 1.96 |
| Amigos | 5.27 | 3.92 |
| Pais, mães e irmãos | - | 3.92 |
| Pais, irmãos, tios e avós | - | 1.96 |
| Mães e irmãos | - | 1.96 |
| Outros | - | 5.9 |
| Ninguém | 15.73 | - |

* p<0,05.

A iniciação sexual dos adolescentes entrevistados, na maioria dos casos, 67.35% das meninas e 55% dos meninos, não tinha ocorrido. Dentre os adolescentes que iniciaram sua vida sexual, pode-se perceber que a maioria dos meninos e meninas a iniciou entre os 12 a 14 anos, 37.5 % das meninas e 44.4 % dos meninos, conforme Figura 2. Somente houve diferença estatística entre os sexos nas faixas etárias de 9 a 11 anos e 17 a 19 anos.

Pode-se perceber que a idade da iniciação sexual dos adolescentes, tanto feminina quanto masculina, diminuiu, pois se concentrou na faixa de 12 a 14 anos. Comparando com a pesquisa de Maria Luiza Heilborn realizada no Rio de Janeiro, e Porto Alegre e em Salvador, no ano de 2002 (8), a idade diminuiu em ambos os sexos, pois nesta pesquisa, realizada com 4634 jovens de 18 a 24 anos, verificou-se que, em média, os rapazes se iniciaram sexualmente aos 16.2 anos e as moças aos 17.8 anos.

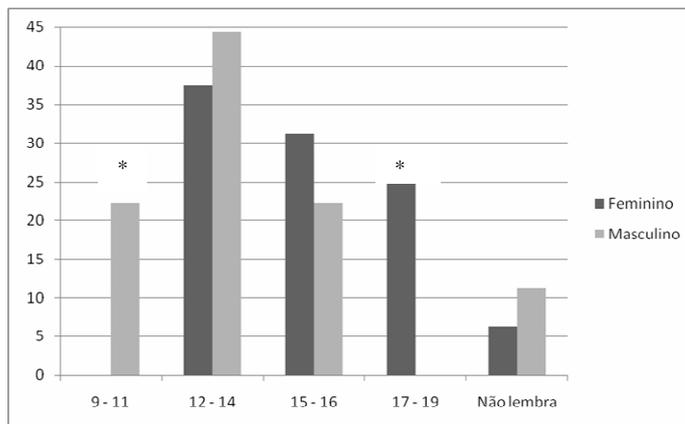


Gráfico 2 – Percentagem faixa etária de iniciação sexual de acordo com o sexo, p<0,05.

As mulheres têm iniciado sua vida sexual mais cedo, mas os homens mantêm o mesmo comportamento de décadas atrás. Entretanto, a autora citada afirma que houve uma mudança de costumes sexuais, principalmente para as mulheres, já que hoje é socialmente aceitável manter relações sexuais na fase de namoro (8).

A comparação com os dados da pesquisa da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (9), realizada em 13 capitais brasileiras e no Distrito Federal, no ano de 2004, mostra que para os meninos a idade foi a mesma, de 13.9 a 14.5 anos, mas para as meninas diminuiu, pois era de 15.2 a 16 anos. A pesquisa ainda revela, em quase todas as capitais pesquisadas, que mais de 10% das crianças e adolescentes com idade entre 10 e 14 anos já tiveram uma relação sexual. E, apesar da precocidade da vida sexual, os jovens tendem a ter contatos com apenas um parceiro. Em média, cerca de 70% dos adolescentes, de diferentes idades, afirmam que só tiveram relação sexual com um parceiro (9).

Se comparado com a pesquisa realizada por Lopes e Maia (10), também houve uma diminuição da idade da primeira relação sexual, já que segundo eles, no Brasil, a idade média é de 16.9 anos para meninas e 15 anos para os meninos, sendo que essa iniciação precoce não vem acompanhada de cuidados com a anticoncepção. Ainda segundo esses autores, 26% da população feminina de 15 a 24 anos já viveram uma gravidez, sendo

que a mesma foi indesejada para 40% dessas jovens.

Segundo Rappaport (11), o adiantamento da iniciação sexual comparado há alguns anos, se dá por muitas razões, entre elas: a falta de comunicação; cobrança dos grupos; a influência dos meios de comunicação, em especial da mídia televisiva, principalmente com a erotização da infância e pela banalização do sexo em sua programação; falta de diálogo com os pais; solidão; reação pulsional; a necessidade de provar a si mesmo sua virilidade e sua independente determinação em conquistar outra pessoa do sexo oposto. Vale ressaltar que as atitudes das pessoas envolvidas em relacionamentos sexuais são, inegavelmente, estimuladas e condicionadas tanto pela família quanto pela sociedade. Portanto, à medida que os tabus, inibições, tradições e comportamentos conservadores vêm diminuindo, a atividade sexual e a gravidez nos anos finais da infância e início da juventude vão aumentando.

Além disso, também idéias religiosas e culturais podem ter influenciado estes valores. Pois, ao homem, durante séculos, sempre foi permitida a prática sexual. Já para as mulheres a iniciação sexual tende a ser mais tardia ou até mesmo somente após o casamento.

Portanto, é preciso considerar a possibilidade de problemas de autoclassificação dos jovens envolvidos na pesquisa, quanto à iniciação sexual, terem resultado em algum tipo de viés de seleção. Pode-se supor, por exemplo, que especialmente entre os homens, incluam-se alguns que não haviam ainda tido relações sexuais, mas, respondendo a expectativas sociais quanto aos papéis sexuais, tenham declarado já ter tido. Em contrapartida, principalmente entre as mulheres, pode ter ocorrido justamente o oposto, contribuindo nestes casos para uma sub-representação (11).

A maior parte das moças relatou ter tido a primeira relação sexual com um parceiro estável (68.75%) e grande parte dos garotos com uma "ficante" (44.44%), conforme Tabela 4.

Todas as respostas se mostraram estatisticamente diferentes entre os sexos. Isso pode ser explicado, talvez, pelo fato de que as mulheres costumam relacionar o sexo com as relações afetivas.

Tabela 4 – Parceiro da primeira relação sexual de acordo com o sexo.

| Parceiro primeira relação sexual | | |
|----------------------------------|-------------|-------------|
| Pessoa | Meninos (%) | Meninas (%) |
| Parceiro estável | 22.23 | 68.75* |
| Amigo | - | 6.25* |
| Ficante | 44.44* | 25 |
| Vizinha (o) | 11.11* | - |
| Não sabe | 22.22* | - |

* $p < 0,05$.

Assim, pode-se destacar que as jovens vinculam sexo e amor em um relacionamento de namoro com a "pessoa certa" e, os jovens buscam se afirmar como indivíduos por meio da experiência da sexualidade, não pressupondo compromisso afetivo como o do namoro.

Este fato pode ser confirmado pelas respostas obtidas quando se questionou sobre o que levou os jovens a iniciarem sua vida sexual, já que 68.75% das adolescentes que iniciaram sua vida sexual responderam que era por gostar do companheiro, 25% por vontade própria e 6.25% por influência dos amigos. Entre os adolescentes do sexo masculino, 77.78% responderam que iniciaram sua vida sexual por vontade e 22.22% por gostarem da companheira. Estas respostas apresentaram significância pelo teste estatístico do qui-quadrado.

No questionamento sobre o momento correto de se ter uma relação sexual com o companheiro, quase 80% dos entrevistados disseram que seria quando estivessem preparados. Isso demonstra que os adolescentes além de se sentirem preparados cada vez mais cedo, não se deixam influenciar por outros fatores.

Os entrevistados divergiram sobre o que fariam se soubessem que havia alguma possibilidade de sua gravidez ou de sua parceira, conforme Tabela 5. A grande maioria, 41.56%, iria procurar um médico/especialista, o que é muito surpreendente, pois demonstra maturidade por parte dos adolescentes.

Outro fato interessante é que 2.60% dos adolescentes provocariam aborto, o que mostra que apesar de todas as campanhas e informações sobre os perigos de um aborto, ainda cogita-se esta idéia. Também demonstra

que esta gravidez não seria desejada e que ocorreu por descuido.

Tabela 5 – Atitudes que os adolescentes tomariam em relação à gravidez.

| Possível gravidez | |
|------------------------------|-----------|
| Atitude | % |
| Procurar médico/especialista | 41.5 6 |
| Assumiriam a gravidez | 23.3 6 |
| Aceitar normalmente | 2.60 |
| Conversar com os pais | 6.50 |
| Ficar desesperado | 5.20 |
| Provocar aborto | 2.60 |
| Não responderam | 10.3 8 |
| Não sabem | 7.80 |

Já quando os adolescentes foram questionados sobre a gravidez na adolescência, pode-se perceber que todos os estudos já realizados até agora confirmam as possíveis causas deste ato, conforme Tabela 6.

Tabela 6 – Causas e opiniões citadas pelos adolescentes para a ocorrência da gravidez na adolescência.

| Gravidez na adolescência | |
|---|-------|
| Causa/ Opinião | % |
| Imaturidade e irresponsabilidade | 20.70 |
| Descuido | 17.24 |
| Não uso preservativo | 17.24 |
| Não sabem | 10.34 |
| Falta de conhecimento e prevenção | 8.04 |
| Encarar a situação com responsabilidade | 8.04 |
| Falta de conhecimento | 4.60 |
| Muito errada | 3.45 |
| Falta de diálogo família | 2.30 |
| Onipotência | 1.15 |
| Algo triste | 1.15 |
| Não responderam | 6.9 |

Cerca de 20.70% citaram a imaturidade e a irresponsabilidade como fator determinante para que ocorra a gravidez na adolescência. Estes ainda citaram que não era a falta de informação, pois alegam que a informação existe. Ainda neste contexto, aproximadamente 17.24% julgaram que a gravidez é decorrente do descuido dos adolescentes e 17.24% que é o não uso do preservativo, o que demonstra que os adolescentes possuem conhecimento sobre os métodos contraceptivos, mas que não os usam ou não possuem condições financeiras para adquiri-los. Por isso percebe-se a necessidade de mais campanhas nos meios de comunicação e trabalhos em escolas para que se garanta que todos os adolescentes possuam informações suficientes sobre este assunto.

As respostas dos adolescentes entrevistados são similares às destacadas por Suplicy (6), que enfatiza que as facilidades de acesso à informação sexual não têm garantido maior proteção contra doenças sexualmente transmissíveis e nem contra a gravidez nas adolescentes.

Vale ressaltar que um dos problemas citados é a atuação dos pais. Normalmente, os pais não conseguem ter diálogo com seus filhos adolescentes porque em sua formação eles também foram privados de informações, ou porque temem levar seus filhos à promiscuidade. Portanto, os pais precisam ter consciência e saberem da importância de repassar as informações de que seus filhos necessitam. Apesar da dificuldade dos pais, entende-se que é no convívio familiar, entre pessoas que se estimam e tentam superar as dificuldades do dia-a-dia, que as questões de sexualidade devem ser debatidas levando-se em conta os valores, atitudes, crenças religiosas e culturais da família.

CONCLUSÃO

Através desta pesquisa foi possível concluir que a maioria dos adolescentes pesquisados iniciou sua vida sexual entre 12-14 anos, o que indica que a iniciação sexual dos entrevistados ocorreu em uma idade menor do que indicavam as pesquisas já realizadas.

Em relação à gravidez na adolescência, os resultados obtidos são semelhantes aos já apontados por outros autores: imaturidade, irresponsabilidade, sensação de onipotência, descuido, não uso de contraceptivos e falta de informação, foram as principais causas apontadas.

Os resultados encontrados no presente estudo indicam a necessidade de novas investigações, com uma amostra maior de adolescentes entrevistados, que possibilitem uma maior compreensão sobre esse e outros aspectos associados à sexualidade na adolescência, como o papel da família no comportamento sexual e reprodutivo dos adolescentes; a relação entre escolaridade e

sexualidade; e sobre as escolhas contraceptivas em distintas formas de relacionamento afetivo-sexual e diferentes contextos de relações de gênero.

Diante dessa realidade, é interessante que a sexualidade fosse um tema de discussão e debate principalmente entre pais, educadores e profissionais de saúde, tendo como objetivo

encontrar maneiras de informar e orientar os jovens.

AGRADECIMENTOS

Os autores querem agradecer a colaboração da Prof^a. Dr^a. Maria de Lourdes Perieto Guhur e do Prof. Me.. Eduardo Michel Vieira Gomes.

Maria de Lourdes Perieto Guhur

Endereço para correspondência: Departamento de Teoria e Prática da Educação
Universidade Estadual de Maringá
Av. Colombo, 5790
Maringá, Paraná, Brasil
CEP. 87020-900
e-mail: joasterix@wnet.com.br

Recebido em 15/08/08

Revisado em 17/11/08

Aceito em 12/12/08

REFERÊNCIAS

- (1) FIERRO, A. **Desenvolvimento psicológico e educação**. Psicologia Evolutiva. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- (2) GIDDENS, A. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: UNESP, 1993.
- (3) SALES, J.M. **Os pais dos adolescentes**. In: VITIELLO, N. *et al.* Adolescência hoje. São Paulo: Roca, 1988. p. 29-34.
- (4) PARISOTTO, L. **Sexo na adolescência**. 2006. Disponível em: <http://www.abcdasaude.com.br/artigo.php?11>.
- (5) BUENO, G.M. **Adolescência, Sexualidade e Gravidez**. 2007. Disponível em: <http://www.virtualpsy.org/infantil/gravidez.html>.
- (6) SUPLICY, M. **Conversando sobre sexo**. São Paulo: Editora, 1991.
- (7) SILVA, J.L.P.; SARMENTO, R.C.; LANDERER, C.; FAUNDES, A. Gravidez na
- adolescência I - Conduta frente à anticoncepção e ao sexo. **Jornal Brasileiro de Ginecologia**, 1980, v. 90, n.6, p. 283-287.
- (8) HEILOBRN, M.L. **Aprendizado da sexualidade**. Publicado em 29 de agosto de 2006. Disponível em: [http://www.agencia.fapesp.br/boletim_dentro.php?data\[id_materia_boletim\]=6010](http://www.agencia.fapesp.br/boletim_dentro.php?data[id_materia_boletim]=6010).
- (9) **Pesquisa da Unesco revela comportamento sexual de jovens no país**. Publicado em 08 de março de 2004. Disponível em: <http://mecsrv04.mec.gov.br/acs/asp/noticias/noticiasId.asp?Id=5262>.
- (10) LOPES, G.; MAIA, M. Desinformação sexual entre gestantes adolescentes de baixa renda. **Rev. Sexol.**, 1993, v. 2, n.1, p. 30-33.
- (11) RAPPAPORT, C. **Encarando a adolescência**. São Paulo: Ática, 1995.